

**TOPONÍMIA DE ACIDENTES HUMANOS DE PARANAÍBA-MS:
MARCAS DE RELIGIOSIDADE**

Leticia Reis de Oliveira (UFMS)

leticia_reis_oliveira@hotmail.com

Ana Paula Tribesse Patrício Dargel (UEMS)

tribesse@yahoo.com

Aparecida Negri Isquerdo (UFMS/CNPq)

aparecida.isquerdo@gmail.com

RESUMO

Este trabalho discute os resultados parciais da pesquisa de Doutorado em desenvolvimento que tem como objetivo mais amplo o estudo de marcas de religiosidade na toponímia de acidentes humanos rurais do estado de Mato Grosso do Sul. Neste estudo, são considerados como diretrizes para a análise semântica o modelo taxionômico de Dick (1990; 1992), os aspectos linguísticos da teoria dos referenciais toponímicos de Dick (1997), ampliada por Isquerdo e Dargel (2020), e o estudo extralinguístico dos nomes de lugares, com vistas à recuperação de possíveis causas denominativas dos topônimos. Para tanto, foram analisados 77 nomes de localidades rurais (fazendas, chácaras, sítios, retiros e estâncias), extraídos do Sistema de Dados do Projeto ATEMS⁵⁶ que armazena a toponímia oficial dos 79 municípios do Estado coletados dos mapas do IBGE⁵⁷ em escala 1:100.000. Os resultados do estudo apontam para a predominância de *hagiotopônimos* com 60 registros (78%), sendo *São José* o de maior frequência. Dentre os demais foram computadas 15 ocorrências (19,4%) de *hierotopônimos*, dentre os quais, *Nossa Senhora Aparecida* é o mais produtivo no âmbito dessa taxa toponímica; um caso (1,3%) de *mitotopônimo* – Iara; além de um registro de uma taxa de natureza física, com um referencial religioso: *astrotopônimo* (1, 3%) – *Estrela Guia*. Portanto, entendeu-se que a análise pautada nos mecanismos semânticos se mostrou eficaz para apurar marcas de religiosidade na toponímia – hierotopônimos, hagiotopônimos e mitotopônimos.

Palavras-chave:

Hierotoponímia. Paranaíba. Toponímia.

ABSTRACT

In this paper we discuss the partial results of a developing doctoral research on the influence religious landmarks have on the toponymy of rural areas, buildings and sites in Mato Grosso do Sul. Dick's Taxonomic model (1990; 1992) was used as a guideline for the semantic analysis in this particular paper. The linguistic aspects of Dick's theory on toponymical references (1997), expanded by Isquierdo and Dargel (2020) and the extralinguistic study on the naming of infrastructure. With the goal of compiling possible causes for the denominative toponyms (2020). In order to do these

⁵⁶ Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul.

⁵⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

77 names of rural communities [data extracted from ATEM project which stores the official toponymy of the 79 collected municipalities in the state from IBGE maps, in scale 1:100.000] (farms, sites, retreats and accommodation) were analyzed. The results of the study pointed to the dominance of hagiotoponyms with 60 records (78%), São José being the most frequent one. Within this toponymic rate, is a case (1,3%) of mythotoponym – IARA, in addition to a registration of a rate of physical nature, with a religious framework: astrotopônimo (names derived from stars) (1,3%) - guiding star. Thus, it is understood that the analysis guided on the semantic mechanisms has been effective in the search of religious landmarks as one of the primary factors in toponymy – Hierotopy, Hagiotoponymy, and Mythotponymy (DICK, 1992).

Keywords:

Hierotopy. Paranaíba. Toponymy.

1. Introdução

A Toponímia é um ramo de estudos da Onomástica que investiga os nomes próprios de lugares com o intuito de descrever e analisar o sintagma toponímico que, segundo Dick (1992, p. 10), é constituído pelo termo/elemento genérico (tipo de acidente nomeado, no caso da toponímia rural, fazendas, sítios, estâncias, chácaras, retiros...) e o termo/elemento específico (o topônimo propriamente dito), em termos estruturais e semânticos.

Este artigo analisa a toponímia como atividade humana de nomeação, ato que traduz o olhar do homem sobre determinado espaço geográfico, revelando, pelo nome, sentimentos, expectativas, impressões do ser humano sobre determinado lugar e, conseqüentemente, elementos sociais, culturais e históricos. Além disso, discutem-se resultados parciais de uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento que tem como objetivo geral analisar a toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul de cunho religioso em termos de motivação. Para tanto, neste estudo, analisaram-se dados da toponímia humana rural do município de Paranaíba, na microrregião do mesmo nome, mesorregião Leste, fronteira de Mato Grosso do Sul com Minas Gerais e Goiás, com o objetivo geral de analisar a toponímia rural de acidentes humanos de motivação religiosa em termos linguísticos, motivacionais e, quando possível, recuperar o referencial e a causa denominativa envolvidos na origem dos topônimos.

Para este artigo⁵⁸, foram selecionados 77 topônimos que deixam transparecer marcas de religiosidade, analisando-os quanto à motivação

⁵⁸ A primeira versão deste artigo foi produzida como requisito de avaliação final da disciplina “Tópicos Especiais: Toponímia: teoria e prática” em 2019, oferecida no Programa

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

toponímica nas perspectivas de Dick (1990; 1992; 1997), revisitados em alguns aspectos por Isquierdo e Dargel (2020). A análise dos dados também considerou parâmetros extralinguísticos que motivaram a origem dos designativos de acidentes humanos rurais do município de Paranaíba-MS. Assim, nesse cenário, a presença de marcas de religiosidade na toponímia rural materializa aspectos do ambiente social e da expressão do espírito humano, no caso, crenças religiosas do denominador e consequentes marcas históricas associadas ao colonizador.

O trabalho foi estruturado em quatro partes: i) pressupostos teóricos, em que se discutem os conceitos teóricos que orientaram o estudo proposto; ii) metodologia, que descreve as etapas do estudo; iii) análise dos dados, que apresenta os resultados da pesquisa e, por último, iv) as considerações finais e as referências.

2. Pressupostos teóricos

O estudo da toponímia no Brasil foi emancipado teórica e metodologicamente por meio das pesquisas da professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992; 1997...) realizadas na Universidade de São Paulo. Em seus estudos, a toponimista construiu uma teoria toponímica e um método de investigação voltados para a realidade brasileira. Para tanto, baseou-se, dentre outras, nas contribuições teóricas de Dauzat (1926), Leite de Vasconcelos (1931), Stewart (1954).

Dauzat (1926), ao investigar a toponímia francesa, desenvolveu uma classificação levando em conta a “formação externa” e o seu “significado intrínseco” (DAUZAT, 1926, p. 19). Além disso, considerou que as designações podem ser “espontâneas” ou “sistemáticas”, aspectos aqui detalhados no tópico sobre as causas denominativas. Leite de Vasconcelos (1931, p. 149), por sua vez, investigou, na toponímia portuguesa, as causas denominativas que lhes deram origem: a) a hidrografia; b) a agricultura; c) a meteorologia; d) a caça; e) o caminho; f) os campos; g) a natureza do solo; h) a configuração do solo; i) das rochas; j) da flora; l) as construções civis e religiosas; m) da história; n) da indústria; o) das insti-

de Pós-Graduação em Letras, da UFMS, Campus de Três Lagoas, ministrada pelas professoras Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel e Dra. Aparecida Negri Isquierdo. Além disso, o trabalho foi apresentado no XIII Colóquio Os estudos lexicais em diferentes perspectivas do Projeto TermNeo (Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo) ocorrido na USP no Campus de São Paulo/SP, no período de 7 a 8 de novembro de 2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tuições sociais, entre outros. Por sua vez, Stewart (1954) estabeleceu categorias de análise, dividindo os topônimos de acordo com a origem do nome e com aspectos descritivos, definindo-os como “meios ou mecanismos” que se relacionavam a processos psicológicos, o que posteriormente, mais precisamente nos estudos de Dick (1990), efetivou-se como “motivos”.

No âmbito da toponímia de origem religiosa, os *hierotopônimo* são citados por Dick (1992, p. 155) como uma categoria onomástica por meio da qual é possível “intuir estreitos vínculos que devem existir entre o denominador e o móvel da denominação, seja no caso de acidente físico ou humano”. Segundo a pesquisadora, as circunstâncias locais não interferem nesse ato denominativo, trata-se de uma “manifestação do estado de espírito do homem” ou “sensibilidade pelos feitos místicos, à sua crença, à sua fé” (DICK, 1992, p. 155).

Na sua abordagem sobre a temática da religiosidade na toponímia brasileira, Dick (1992) enfoca a questão da religiosidade no Brasil a partir da chegada dos colonizadores. Para tanto, retoma registros que exemplificam a religiosidade lusitana, amplamente propagada no Novo Continente, além de pontuar a preferência por nomes dos santos cultuados pelos portugueses como uma das características da toponímia da época. Nesse período, a denominação dos lugares era baseada no calendário religioso romano, o que também ocorreu com as primeiras denominações atribuídas à terra brasílica: “Monte Pascoal (Pascal)” e “Ilha de Vera Cruz”, posteriormente alterada para “Terra de Santa Cruz” (DICK, 1992, p. 157).

A autora destaca ainda a influência do contexto místico lusitano, proveniente da índole natural, mas também da autoridade papal, o que resultou em tantas denominações de natureza religiosa na toponímia brasileira. Na análise das tendências hierotoponímicas dos diferentes estados brasileiros, Dick (1992, p. 159) registra a presença dos topônimos “São José” e “Santo Antônio” como os mais produtivos na toponímia por ela estudada, seja nesse formato, seja acompanhado de um elemento especificador, como ocorre, dentre muitos outros, com o topônimo “Santo Antônio da Esperança” (DICK, 1992, p. 159), formado com o nome do santo acompanhado de um elemento especificador, no caso, de natureza qualificativa e de base portuguesa.

Ao tratar das tendências hierotoponímicas/hagiotoponímicas na nomeação de lugares no Brasil, Dick (1992, p. 160) menciona os seguin-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tes nomes de santos, dentre os mais frequentes: São João, São Francisco, São Pedro, São Domingos, São Sebastião, São Miguel, São Bento, São Vicente, São Joaquim, São Gonçalo, São Mateus. A pesquisadora esclarece ainda que os maiores índices de ocorrências de hagiotopônimos ocorrem nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso⁵⁹, Pará, Bahia, Amazonas, Goiás, Paraná, São Paulo e Maranhão.

Os dados de Dick (1992, p. 160) apontam o Centro-Oeste como detentor de maior produtividade de topônimos formados com nomes de santas, dentre elas, “Santa Luzia”, “Santa Isabel” e “Santa Bárbara”. Já ao comparar a toponímia com a devoção do povo brasileiro à Virgem Maria, à época, a pesquisadora pontua o pequeno índice de topônimos formados com o nome dessa divindade, citando apenas três nomes como produtivos no território brasileiro: Nossa Senhora da Guia; Nossa Senhora do Livramento e Nossa Senhora da Glória.

Já o topônimo “Virgem” foi registrado por Dick (1992, p. 161) em apenas quatro localidades. O qualificativo *Imaculada* foi identificado na Paraíba, e *Senhora*, aparece em Minas Gerais. O adjetivo “bom” foi produtivo no topônimo “Bom Sucesso”, uma referência a “Nossa Senhora do Bom Sucesso”, como também ocorreu com “Bom Sucesso dos Milagres” no Rio Grande do Norte. Esse é um exemplo que pode ser explicado por meio do referencial e da causa denominativa que, no caso, seria a “Devoção a Nossa Senhora do Bom Sucesso” que se reporta a um referencial hierotopônimo.

Para Dick (1992, p. 162), parece haver uma espécie de tabu quanto ao emprego dos nomes *Deus* e *Jesus Cristo* como topônimos, provavelmente, pela crença de que “não se profere o nome de Deus em vão”, um preceito bíblico respeitado pelo Catolicismo. Na toponímia brasileira, os nomes da entidade sagrada normalmente figuram como elemento de topônimos de estrutura morfológica composta, não como núcleo do sintagma nominal, como em *Dedo de Deus*, *Menino de Deus*, *Espero em Deus*, *Deus me livre*. O mesmo ocorre com *Monte Cristo*. Representa uma exceção nesse sentido o designativo *Cristo Rei*. No âmbito dessa temática, a pesquisadora faz alusão a um diferencial em relação ao topônimo *Bom Jesus*, designativo frequente que faz parte do gosto popular

⁵⁹ É provável que Dick tenha considerado nessa estatística o “grande” Mato Grosso, pois quando defendeu a sua tese, em 1980, o território de Mato Grosso havia sido recém dividido (1977), dando origem à nova Unidade da Federação. Considerou uma ampla visão linguístico-antropocultural dos estudos toponímicos nessa parcela da região Centro-Oeste.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

brasileiro, salientando que se trata de um “tratamento carinhoso dedicado ao Filho de Deus, tanto em sintagma simples como em composição, numa gama variada de motivos, tais sejam Bom Jesus de Madeira, Bom Jesus do Bagre” (DICK, 1992, p. 162-3). Menciona ainda a pesquisadora o uso do topônimo *Divino*, possivelmente uma referência à terceira pessoa da Santíssima Trindade (DICK, 1992, p. 162-3).

Registre-se que, na teoria de Dick (1992, p. 164), observa-se certa generalização na referência à fé dos brasileiros, com destaque para a fé difundida pelo Cristianismo, no Deus da cruz, de Cristo e da Bíblia, tendência predominante no Período Colonial e, conseqüentemente, na gênese da toponímia brasileira de base portuguesa, quadro que não se observa na atualidade em que manifestações de outras religiões também transparecem na toponímia, embora com menor frequência.

2.1. Mecanismos de classificação semântica

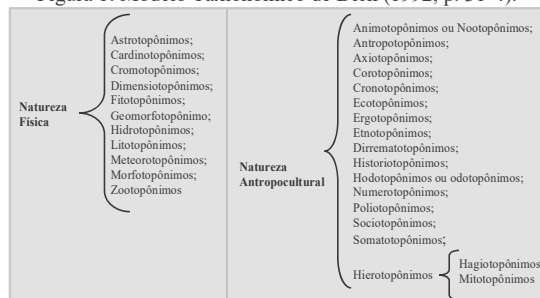
A classificação dos topônimos quanto à taxionomia tem sido uma tarefa árdua para os pesquisadores na área da Toponímia, e não raras vezes ocorrem impasses quanto à aplicação de determinadas taxas aos dados toponímicos. Buscando respostas para questões dessa natureza, Isquerdo e Dargel (2020) retomaram teorias basilares dos estudos toponímicos e realizaram um estudo dos nomes de municípios do estado de Mato Grosso do Sul pautadas nos mecanismos de classificação semântica. A intenção das autoras não foi apresentar um novo método, mas sim aplicar, na análise da macrotoponímia dos municípios sul-matogrossenses, princípios teóricos propostos por Dick (1990; 1992; 1997), no que se refere à motivação toponímica.

Considerando a complexidade dessa questão e a natureza dos dados examinados, Isquerdo e Dargel (2020, p. 235) argumentam que “Alguns topônimos podem ser facilmente agregados a uma ordenação, mas outros, por ausência de informações exatas sobre as circunstâncias que envolveram o denominador no ato designativo, não são passíveis de serem incorporados a um modelo de classificação”. Reitere-se que as bases teóricas de Dick (1990; 1992) são fundamentais para as investigações da toponímia brasileira, e o seu modelo taxionômico foi pensado e exaustivamente aplicado em estudos da toponímia de acidentes físicos da área rural como: rios, ribeirões, cachoeiras etc. Daí a necessidade de serem revisitados aspectos da teoria incipiente da toponomista sobre toponímia urbana com o objetivo de aplicá-la em estudos contemporâneos.

2.2. A motivação toponímica: modelo teórico de Dick (1990; 1992)

Em se tratando da classificação dos topônimos em termos semânticos e, por extensão, a partir do significado do item lexical investido de função toponímica, Dick (1990; 1992) propôs duas categorias gerais de classificação dos topônimos com base nos mundos da natureza e da cultura: taxionomias de natureza física (11 taxes) e taxionomias de natureza antropocultural (16 taxes), totalizando 27 taxes (figura 1):

Figura 1: Modelo Taxionômico de Dick (1992, p. 31-4).



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nota-se que a categoria dos hierotopônimos se refere a topônimos “relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças” (DICK, 1992, p. 33) e contém duas subdivisões: a) *os hagiotoipônimos*: “relativos a nomes de santos e santas do hagiolôgio romano” e b) *os mitotopônimos*: “motivados por entidades mitológicas” (DICK, 1992, p. 33).

2.3. A questão dos referenciais toponímicos

A reflexão sobre os referenciais realizada por Dick (1996) resulta de suas inquietações a respeito da natureza da toponímia urbana, uma vez que a pesquisadora, com base no estudo de dados da toponímia paulistana (1554–1897), aventou a hipótese de que determinados designativos apresentavam referenciais que poderiam melhor esclarecer questões mais pontuais relacionadas à motivação.

Anos após a publicação do modelo taxionômico voltado para a questão da motivação semântica dos designativos, Dick (1997) acrescenta uma nova abordagem para os estudos toponímicos que consistiu em

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

uma análise de nomes da área urbana da cidade de São Paulo, com base em seus referenciais. Esclarece a autora:

[...] Se o ponto de apoio buscado é a taxonomia por nós elaborada, a distribuição dos nomes encontrará uma base no que se optou chamar, agora, de referencial: uns, tendo um suporte concreto, material, facilmente deduzível porque explícito ou icônico; outros, menos sensíveis, mas igualmente válidos. É aí, então, que a fundamentação classificatória empregada para enquadrar determinados topônimos tornar-se-á mais importante para justificar a inserção de alguns nomes em determinados referenciais. (DICK, 1997, p. 147)

Conforme esses argumentos de Dick (1997, p. 147), considerar os referenciais não invalida a busca dos significados com base no modelo taxionômico, a sua primeira orientação metodológica; pelo contrário, essa nova abordagem busca dar ainda mais sustentação para a análise dos dados em termos taxionômicos. Ao retomar as contribuições de Dick (1990; 1992; 1997), Isquierdo e Dargel (2020, p. 240) explicam que, em decorrência da complexidade que envolve a questão da motivação de um topônimo, ousa-se considerar que o exame dos dados pelo viés do referencial toponímico pode atuar como o elo entre a motivação e a causa denominativa, raciocínio desenvolvido na análise dos dados aqui examinados.

O quadro que segue sintetiza a proposta dos referenciais apresentada por Dick (1997):

Quadro 1: Referenciais toponímicos (DICK, 1997).

Referenciais toponímicos de natureza física	Referenciais toponímicos de natureza antropológica
Hidrotponímico Geomorfotponímico Litotponímico Fitotponímico	Hiero-hagiotponímico Antropotponímico Animotponímico Historio-sociotponímico

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os referenciais de natureza religiosa subsidiam a análise dos dados no âmbito deste trabalho.

3. A questão das causas denominativas

A tentativa de elucidar a causa subjacente que motiva o surgimento de um determinado nome de lugar tem instigado tanto cidadãos co-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

muns quanto estudiosos da linguagem, razão pela qual a preocupação com a categorização e classificação dos topônimos não é recente, o que justifica vários pesquisadores terem abordado essa questão em suas investigações. A busca por mecanismos de classificação dos topônimos é perceptível desde as publicações de Dauzat (1926); Vasconcellos (1931); Backheuser (1952); Stewart (1954), para citar alguns dos pesquisadores que já discutiram essa questão.

Dauzat (1926, p. 19; 21), estudioso francês, por exemplo, levou em conta a formação externa dos designativos⁶⁰ e as designações espontâneas, que dizem respeito a nomeações realizadas de forma inconsciente. Além disso, considerou as nomeações sistemáticas⁶¹ que, em sua concepção, são mais difíceis de serem classificadas porque podem demandar extensa investigação histórica; são aqueles designativos estabelecidos por uma autoridade, por instituições governamentais, pelo “fundador” do espaço nomeado, ou seja, pelo seu conquistador (DAUZAT, 1926, p. 36). O mesmo autor pondera ainda que os nomes podem ser fundamentados em suas significações intrínsecas⁶², que dizem respeito a fatores extralinguísticos relacionados ao designativo, como as características do ambiente físico do espaço geográfico nomeado (DAUZAT, 1926, p. 20).

Estabelecendo-se correlações entre as contribuições de cada um desses autores, é perceptível que a de Vasconcellos (1931, p. 149) deixa transparecer que as causas denominativas podem ser fundamentadas por acidentes geográficos, acidentes físicos, acidentes topográficos, por construções civis e religiosas, pela história ou por instituições sociais, para citar algumas causas denominativas.

Backheuser (1950), por seu turno, ao investigar a toponímia brasileira, considera, além dos elementos da geografia física e humana, as características linguísticas que constituem o topônimo, tais como a categoria gramatical dos nomes: substantivos próprios, abstratos e os adjetivos. Já Stewart (1954), em estudo sobre a toponímia norte-americana, categorizou os designativos com base em aspectos linguísticos e em campos semânticos: 1. *Descriptive names*; 2. *Possessive names*; 3. *Incident names*; 4. *Commemorative names*; 5. *Euphemistic names*; 6. *Manufactured names*; 7. *Shift names*; 8. *Folk etymologies*; 9. *Mistake names*.

⁶⁰ “Formation externe” (DAUZAT 1926, p. 19).

⁶¹ “Désignation systématique” (DAUZAT, 1926, p. 36)

⁶² “Sens intrinsèque” (DAUZAT, 1926, p. 20).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Isquerdo e Dargel (2020), ao discorrerem sobre a questão da causa denominativa, argumentam:

[...] entende-se causa denominativa como o motivo encontrado para o surgimento do topônimo que pode ser buscado por meio de uma pesquisa histórica acerca do nome analisado. [...] a causa denominativa revela o porquê de um lugar ter recebido um determinado nome e não a taxionomia a que pertence esse designativo, uma vez que a *taxe*, conforme Dick, envolve o significado do topônimo como signo de língua registrado em dicionários ou em uso comprovado no âmbito de um léxico regional. (ISQUERDO; DARGEL, 2020, p. 241)

Nesse sentido, a pesquisa histórica e etimológica pode contribuir para elucidar possíveis causas denominativas que motivaram o surgimento de um topônimo.

4. Metodologia

O estudo que deu origem a este artigo obedeceu às seguintes etapas: i) coleta do *corpus* analisado (topônimos com marcas de religiosidade de propriedades rurais no município de Paranaíba), que totalizou 77 topônimos de natureza religiosa num universo de 812 designativos que nomeiam acidentes humanos da área rural desse município, utilizando-se como fonte o Sistema de Dados do Projeto ATEMS e mapas oficiais do IBGE, referentes ao município cuja toponímia foi investigada, em escala 1:100.000; ii) análise dos dados toponímicos tomando como referência a categorização dos designativos em termos de *taxes* toponímicas, de referencial toponímico e de causa denominativa com base em Dick (1997), Isquerdo e Dargel (2020) e em contribuições de autores anteriormente mencionados. Além dos teóricos/obras citados, buscou-se respaldo em contribuições de estudiosos da toponímia como Carvalho (2014) e Ananias (2018).

5. Marcas de religiosidade na toponímia de acidentes humanos de Paranaíba-MS: discussão dos dados

Como já pontuado ao longo deste trabalho, o objeto de discussão neste estudo é a toponímia rural de motivação religiosa do município de Paranaíba-MS. Na discussão dos resultados, adotaram-se as abordagens quantitativa e qualitativa. A presença de motivações de natureza antropo-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

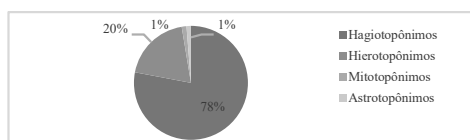
cultural justifica-se pelo fato de a religiosidade ser um fenômeno ligado ao espírito humano, como esclarece Dick (1992):

Não se cogita, porém, na toponímia de origem religiosa, da busca do equilíbrio perfeito e da exata adequação entre “nome” e “objeto nomeado”, um dos máximos objetivos da disciplina. Tampouco se pode dizer a motivação, extrínseca à natureza do acidente, não o define nem se ajusta a normatividade do sistema onomasiológico. Apenas o fenômeno associativo é de outra ordem, porque centralizado no doador; as circunstâncias locais pouco interferem na escolha, desde que sua causa determinante se prende ao homem, às manifestações do seu espírito, à maior sensibilidade dos fatos místicos, à sua crença e à sua fé. (DICK, 1992, p. 155)

A expressão da religiosidade e de sentimentos relacionados ao espírito humano transparece os designativos de propriedades rurais de Paranaíba/MS, o que se relaciona a questões da cultura imaterial que expressam um pensamento coletivo.

O maior índice de produtividade de topônimos com motivação religiosa recaiu sobre os *hagiotopônimos*, “nomes de santos e santas do hagiologia romano” (DICK, 1992, p. 33), cobrindo 79% dos dados. Na sequência, figuram os *hierotopônimos* com 20% de registros, seguidos de 1% de *mitotopônimos* “nomes relativos às entidades mitológicas” (DICK, 1992, p. 33). Registrou-se ainda um caso de motivação de natureza física (1%): um *astrotopônimo*, “nomes relativos a corpos celestes em geral” (DICK, 1992, p. 31): o topônimo “Estrela Guia” que evoca um referencial religioso ligado à *Nossa Senhora da Guia*. Esses percentuais podem ser observados no gráfico 1:

Gráfico 1: Produtividade de nomes de fazendas de natureza religiosa no município de Paranaíba-MS segundo a taxa toponímica.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

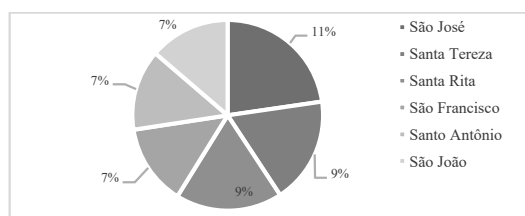
A ocorrência única de mitotopônimo – Fazenda Iara – reporta-se a uma entidade da mitologia Tupi muito disseminada na cultura de povos indígenas brasileiros, enquanto o topônimo de natureza física com referencial de natureza religiosa – fazenda Estrela Guia –, também com ocorrência única, pode ser o fenômeno pode estar relacionado a uma divindade do Catolicismo: Nossa Senhorada Guia, “Estrela Guia”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Também pode referir-se à estrela que guiou os Três Reis Magos até o Menino Jesus, nesse caso, devido à opacidade do significado, esse topônimo apresenta duas possibilidades de leitura, mas ambas evocando marca de religiosidade.

Conforme os dados apresentados no Gráfico 1, os hagiopônimos predominam na nomeação de propriedades rurais da área em estudo que incorporam traços religiosos, dados que referendam a preferência por nomes de santos na nomeação de acidentes humanos, tendência essa já evidenciada pelos estudos de Dick (1990; 1992). Esse traço da toponímia de Paranaíba-MS segue uma tendência brasileira que denota uma herança da colonização portuguesa que, por sua vez, reporta-se à própria história de exploração de uma nova terra com um instituto econômico e religioso, pois a Coroa Portuguesa contava com a participação da Igreja Católica no projeto colonizador: “A religiosidade lusitana encontrou, como se sabe, no Novo Continente, o clima fecundo para o seu expansionismo” (DICK, 1992, p. 156). O gráfico 2, a seguir, mostra os seis *hagiopônimos* com maior índice de produtividade no *corpus* aqui examinado: São José; Santa Tereza; Santa Rita; São Francisco; Santo Antônio e São João.

Gráfico 2: Hagiopônimos mais produtivos na nomeação de fazendas no município de Paranaíba-MS.



Conforme já pontuado ao longo deste trabalho, a história da colonização do território brasileiro demonstra que a expansão foi territorial e religiosa, refletindo-se na toponímia. Essa tendência se mantém ainda hoje nos designativos de propriedades rurais, inscrevendo, na toponímia, registros e influências do processo histórico da colonização do Brasil. Se esse quadro fosse diferente, a herança indígena na esfera da religiosidade, na toponímia brasileira, no caso dos mitotopônimos⁶³, poderia perpetuar

⁶³ Vale salientar que não é o objetivo deste artigo discutir se os deuses das culturas autóctones se configuram como mitos ou como divindades sagradas. Adotou-se a posição de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nomes de divindades indígenas e, conseqüentemente, expressar uma religiosidade mais regional herdada dos povos autóctones. No entanto, como a nomeação foi ação do colonizador falante da língua portuguesa e com base em sua cultura religiosa, a toponímia acabou por refletir a expansão da fé cristã e, por extensão, proclamar santos do hagiolégio romano.

Na seqüência, no quadro 2, os topônimos mais produtivos no *corpus* em análise foram examinados em termos de referenciais toponímicos, causa denominativa e taxionomia toponímica, com base no quadro de Isquierdo e Dargel (2020) com pequenas adaptações.

Quadro 2: Mecanismos de classificação semântica nomeação de fazendas de Paranaíba-MS: uma amostra.

Topônimo	Referencial Toponímico	Causa denominativa	Taxionomia Toponímica
São José (5) ⁶⁴	Hagiotopônimo	Devoção a São José, pai terreno de Jesus Cristo. Uma das preferências na denominação por hagiotopônimo no Brasil (DICK, 1992, p. 159). Conforme registra Carvalho (2014, p. 280), a devoção ao esposo da Virgem Maria, celebrada em 19 de março, é de grande estima entre os devotos brasileiros. A pesquisadora considera ainda que o topônimo “São José” também pode ser motivado por São José do Egito, este, segundo Carvalho (2014, p. 281), é conhecido como protetor dos viajantes.	Hagiotopônimo
Santo Antônio (3)	Hagiotopônimo	Devoção a Santo Antônio, um dos santos mais populares na toponímia brasileira (DICK, 1992, p. 159). Ananias (2018, p. 280) registra que Antônio, um missionário da ordem Franciscana, é considerado protetor das famílias e dos casamentos.	Hagiotopônimo
São Francisco (3)	Hagiotopônimo	Devoção a “São Francisco”: “Dentre os vários homônimos, São Francisco de Assis é o mais popular. <i>O Patrono dos animais</i> é celebrado no dia 4 de outubro. São Francisco vivendo, em princípio como eremita, rodeou-se de discípulos decididos a compartilhar de seus hábitos humildes. Fundaram, então, a Ordem dos Franciscanos, aprovada pelo papa Inocêncio III em 1210. Eles se instalaram inicialmente no local denominado Porciúncula, e de lá se espalharam pela Itália e pelo mundo” (CARVALHO, 2014, p. 255).	Hagiotopônimo
São João (3)	Hagiotopônimo	Devoção a João, primo de Jesus, e um de seus discípulos. (ANANIAS, 2018, p. 298).	Hagiotopônimo
São Sebastião (3)	Hagiotopônimo	Devoção a São Sebastião que é celebrado em 20 de janeiro “São Sebastião foi um soldado romano que padeceru martírio por volta do ano de 330” (CARVALHO, 2014, p. 324).	Hagiotopônimo
São Pedro (2)	Hagiotopônimo	Devoção a São Pedro, um dos doze apóstolos, discípulo de Jesus Cristo.	Hagiotopônimo
Santa Rita (4)	Hagiotopônimo	Devoção a Santa Rita. Segundo o registro do Padre Rohrbacher (1959a, p. 119), ela nasceu próximo a cidade de Cássia na Itália, seu nascimento foi fruto da fé	Hagiotopônimo

Dick (1990; 1992) que, por sua vez, baseia-se na visão do antropólogo indianista Arthur Ramos (1947).

⁶⁴ Entre parênteses foi indicado o número de ocorrências de cada topônimo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

		e devoção dos pais que já em idade avançada suplicavam por filhos, por isso recebeu o nome Rita. Uma freira agostiniana, com uma vida cheia de fé e sofrimentos, Santa Rita ou Santa Rita de Cássia hoje é exemplo para muitos devotos e é conhecida como a “Santa das causas impossíveis”.	
Santa Ana (2)	Hagiotopônimo	Devoção a mãe da virgem Maria, avó de Jesus e esposa de São Joaquim. É celebrada no dia 26 de julho e, segundo o Padre Rohrbacher (1959b, p. 361), é padroeira das principais arquidioceses de São Paulo e do Rio de Janeiro.	Hagiotopônimo
Santa Maria (2)	Hagiotopônimo	Possivelmente originado da devoção a Maria, mãe de Deus. Segundo Carvalho (2014, p. 90) “(...) durante a Idade Média, passou a ser invocada de forma múltipla sob o título de ‘ <i>Nossa Senhora</i> ’.”	Hagiotopônimo
Santa Rosa (2)	Hagiotopônimo	Devoção a Santa Rosa. Celebrada em 23 de agosto, Santa Rosa de Lima é, segundo Padre Rohrbacher (1959c, p. 222), conhecida por sua paciência e perseverança na fé mediante os sofrimentos que a assolaram em vida. Carvalho (2014, p. 437) registra que Santa Rosa foi “a primeira santa do Novo Mundo, padroeira do Peru e da América Latina”.	Hagiotopônimo
Santa Tereza (2)	Hagiotopônimo	Devoção a Santa Teresa. Padre Rohrbacher (1959d, p. 192) registra que ela foi a fundadora das “Carmelitas Descalças”, também conhecida como “Santa Teresa de Ávila”.	Hagiotopônimo
Santa Terezinha (2)	Hagiotopônimo	Devoção a Santa Teresinha. Conforme o Padre Rohrbacher (1959e, p. 270), trata-se de “Santa Teresinha do Menino Jesus” que foi uma fervorosa freira Carmelita. É celebrada no dia 1º de outubro.	Hagiotopônimo
Nossa Senhora Aparecida (8)	Hierotopônimo	Devoção a santa padroeira do Brasil. Rohrbacher (1959d, p. 117) registra que, em outubro de 1717, a imagem de Maria foi encontrada no rio Paraíba pelo pescador João Alves. Conforme Carvalho (2014, p. 456), “A invocação de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, data do século XVIII e se prende a uma histórica visita do governador das províncias de São Paulo e Minas Gerais, D. Pedro de Almeida, ao Vale do Paraíba”. Nessa região paulista, mais especificamente o município de Aparecida/SP é um dos principais destinos de romarias religiosas do povo brasileiro.	Hierotopônimo
Nossa Senhora de Fátima (2)	Hierotopônimo	Devoção a Nossa Senhora de Fátima. Refere-se à aparição de Maria aos pastozinhos Lúcia, Francisco e Jacinta na região da aldeia portuguesa de Fátima, conforme registra Carvalho (2014, p. 497). Esse caso é interessante observar que a preposição “de” marca o pertencimento da santa a uma localidade.	Hierotopônimo
Bom Jesus (2)	Hierotopônimo	Conforme Ananias (2018, p. 206), o termo <i>bom</i> qualifica Jesus, personagem central do Cristianismo, considerado Filho de Deus.	Hierotopônimo

Fonte: Elaborado pelas autoras.

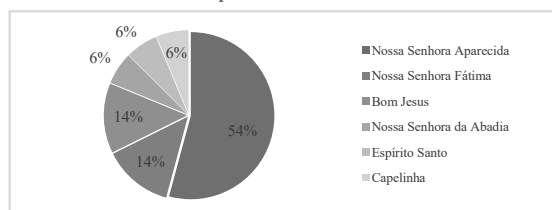
Entre os referenciais toponímicos aqui atribuídos aos nomes de propriedades rurais de cunho religioso do município de Paranaíba-MS, predomina o *hagiotopônimo*, seguido pelo *hierotopônimo*. Já as causas denominativas podem ser entendidas a partir da devoção, afeição ou fé aos santos e santas por parte dos proprietários das fazendas e atribuir o nome da divindade representa uma forma de invocação de proteção.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O topônimo “Bom Jesus” também evoca um referencial *hierotopônimo*. A presença do adjetivo *Bom* qualifica *Jesus*, o personagem central do Cristianismo, razão pela qual não foi classificado como um animotopônimo, mas sim como um *hierotopônimo* em razão da temática religiosa impressa no signo toponímico e, também, por entender que o núcleo desse topônimo composto seja o substantivo próprio *Jesus*. Nesse caso, observar a estrutura sintática para explicar a causa denominativa contribui para eliminar possíveis ambiguidades e justificar a classificação da motivação.

Quanto à produtividade, a preferência por uma divindade que marca um dos maiores símbolos religiosos do Brasil, a santa padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, configura-se como um dado distinto dos de Dick (1990; 1992), pois, nos dados da toponímia de acidentes físicos estudados pela pesquisadora brasileira, o nome de Nossa Senhora Aparecida era pouco frequente. Diferentemente, nos nomes de fazendas do município de Paranaíba-MS, o topônimo *Nossa Senhora Aparecida* sobressai-se entre os hierotopônimos com oito ocorrências (54%). Trata-se de um fenômeno religioso mais recente com a expansão da devoção da divindade genuinamente brasileira e, além disso, há o município vizinho a Paranaíba-MS denominado Aparecida do Taboado, isso somado ao fato de nomes de cunho religioso serem mais frequentes na nomeação de acidentes humanos rurais e urbanos. Na sequência, aparecem os topônimos *Nossa Senhora de Fátima* e *Bom Jesus*, ambos com 14% de registros. Com 6% de ocorrências, figuram os designativos “*Nossa Senhora da Abadia*”, “Espírito Santo” e “Capelinha”, como marcas de religiosidade na toponímia humana rural de Paranaíba. O gráfico 3 registra a produtividade dos hierotopônimos mais frequentes no *corpus* em análise:

Gráfico 3: Produtividade dos hierotopônimos nos nomes de fazendas de Paranaíba-MS.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Outro particular a ser destacado nos dados da toponímia religiosa de Paranaíba-MS é o seu caráter mais conservador, ou seja, a manutenção do nome original dos santos na denominação dos lugares, diferente de registros encontrados em outros municípios sul-mato-grossenses⁶⁵, em que são frequentes topônimos compostos formados pelo nome da entidade religiosa associada a uma característica do ambiente físico. Na área investigada neste texto, houve apenas uma ocorrência desse fenômeno: Distrito *São João do Aporé*, no caso, um topônimo de estrutura morfológica composta híbrida, formada pelo nome do santo – São João – de base portuguesa, associado à preposição do (de+o) que marca o pertencimento, e pelo designativo *Aporé*, de origem Tupi⁶⁶, uma referência ao rio *Aporé*, localizado no município.

A preferência pela manutenção do registro original, sem acréscimos de características do ambiente físico, ou do nome do proprietário é uma tendência em outros municípios do estado de Mato Grosso do Sul, sobretudo na mesorregião Centro-Norte. Isso demonstra que, por mais que os municípios se situem em uma mesma área territorial, as distinções devem ser esperadas, uma vez que a cultura, o tipo de colonização e as influências podem variar de um para o outro, inclusive nos registros de topônimos de natureza religiosa, mostrando assim a diversidade na toponímia humana rural de Mato Grosso do Sul, que evidencia preferências e particularidades de cada microrregião ou mesorregião.

No estudo de Oliveira e Isquierdo (2020, p. 73; 75) que analisou as estruturas sintagmáticas dos topônimos de estrutura morfológica composta da mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul foram identificadas os seguintes exemplos de hagiotopônimos, associados a uma característica do ambiente físico: Fazenda Santa Rita do Ribeirão que marca o nome da santa e o pertencimento ao acidente hídrico; o hierotopônimo Fazenda Santa Fé do Rio Verde, em que a marca de religiosidade é associada a uma característica do ambiente físico, no caso, o nome do rio.

⁶⁵ A título de exemplo, no município de Corguinho-MS há o registro de topônimos com nomes de santos + características do ambiente físico: Fazenda São Marcos do Riacho Fundo, Fazenda São José do Corguinho, já em Camapuã-MS uma característica é o registro do nome de santo + um nome próprio de pessoa: Fazenda Santa Isabel de Serafim Bigaton, Fazenda São João, de Antônio Moraes Neto, tais exemplos, fogem do conservadorismo de manter apenas o nome de um santo ou divindade, como ocorreu em Paranaíba-MS.

⁶⁶ Segundo Silva (2020, p. 268), que investigou a toponímia indígena de Mato Grosso do Sul, a etimologia do topônimo “Aporé” é da língua Tupi, conforme registros nos dicionários de Tibiriçá (1985) e Sampaio (1928; 1987).

6. Considerações finais

O exame de marcas de religiosidade na toponímia de acidentes humanos rurais do município de Paranaíba-MS, com ênfase em mecanismos de classificação semântica, permitiu o delinear de algumas considerações: a análise dos topônimos tomando como parâmetros teóricos os referenciais toponímicos, a causa denominativa e a motivação (modelo taxionômico) mostram-se funcional à medida que favorece reflexões sobre os mecanismos de surgimento de um topônimo, como também a importância adquirida por ele como reflexo de tradições, crenças e expectativas do examinador.

Atribuir o nome de uma divindade a um lugar representa, numa primeira instância, um mecanismo de invocação de proteção ou de agradecimento pela conquista. Para tanto, o denominador, motivado por um referencial hierotopônimo, resgata elementos da sua devoção que justificam a escolha de um nome de caráter religioso para identificar o espaço em que constrói a sua vida.

As marcas de religiosidade confirmam resultados trazidos por Dick em 1992, à medida que, na toponímia da área investigada, também há significativa preferência por topônimos formados com nomes de santos e de santas, os hagiopônimos, o que evidencia uma realidade religiosa brasileira, no caso, a presença significativa do hierotopônimo “Nossa Senhora Aparecida”, nome da padroeira do Brasil, entre os nomes das propriedades rurais da área investigada.

Em síntese, a herança da religiosidade lusitana se manifesta nos nomes de fazendas do município de Paranaíba-MS, demonstrando que a toponímia de Mato Grosso do Sul segue as tendências da toponímia brasileira em geral em termos motivacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANANIAS, Anna Carolina Chierotti dos Santos. *Marcas de religiosidade na toponímia Paranaense*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. 372f.

ATEMS – ATLAS TOPONÍMICO DE MATO GROSSO DO SUL. *Sistema de Dados*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. CCHS/DLE, 2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BACKHEUSER, Everardo. Toponímia. Suas regras, sua evolução. *Revista Geográfica*, v. 9-10, n. 25, p. 163-95, Rio de Janeiro, 1950.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva)-Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. 822f.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux : origine et évolution; villes et villages, pays, cours d'eau, montagnes, Lieuxdits*, Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

_____. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1997.

ISQUERDO, Aparecida Negri; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. A macrotoponímia dos municípios sul-mato-grossenses: mecanismos de classificação semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *Toponímia*. Tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS: UFMS, 2020. p. 229-72. (V. 2)

OLIVEIRA, Leticia Reis de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul: motivações toponímicas e estruturas sintagmáticas. *Revista GTLex*, v. 3, n. 1, p. 58-77, Uberlândia, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/49806>. Acesso em: 6 jun. 2021.

ROHRBACHER, Padre. *Vida dos Santos*: maio. 1. ed. São Paulo: Américas, 1959a. (V. 9). Disponível em: <http://www.obrascaticas.com/livros/Biografia/VIDAS%20DOS%20SANTOS%20-%209.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2021.

_____. *Vida dos Santos*: julho. 1. ed. São Paulo: Américas, 1959b. (V.13). Disponível em: <https://obrascaticas.com/editorarealeza/download/vidas-dos-santos-volume-13-do-14o-dia-de-julho-ao-31o-dia-de-julho/>. Acesso em: 26 fev.2021.

_____. *Vida dos Santos*: agosto. 1. ed. São Paulo: Américas, 1959c. (V.15). Disponível em: <https://obrascaticas.com/editorarealeza/download/>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

load/vidas-dos-santos-volume-15-do-16o-dia-de-agosto-ao-2o-dia-de-setembro/. Acesso em: 26 fev. 2021.

_____. *Vida dos Santos*: outubro. 1. ed. São Paulo: Américas, 1959d. (V. 18). Disponível em: <https://obrascaticas.com/editorarealeza/download/vidas-dos-santos-volume-18-do-9o-dia-de-outubro-ao-24o-dia-de-outubro/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

_____. *Vida dos Santos*: setembro. 1. ed. São Paulo: Américas, 1959e. (V. 17). Disponível em: <https://obrascaticas.com/editorarealeza/download/vidas-dos-santos-volume-17-do-26o-dia-de-setembro-ao-8o-dia-de-outubro/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

SILVA, Camila André do Nascimento. *A toponímia indígena em Mato Grosso do Sul*: um estudo etnolinguístico. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, 2020. 629f.

STEWART, George Rippey. A classification of place names. *Names*. Berkeley, v. 2, n. 1, p. 01-13, march, 1954.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Opúsculos*. Coimbra: Universidade, 1931.